

Criação de uma moeda local indígena: atividade desenvolvida no Tema Contextual Cultura e Comércio do curso de Educação Intercultural da UFG

Creation of a local indigenous currency: activity developed in the Contextual Theme Culture and Commerce of the Intercultural Education course at UFG

Ana Paula Purcina Baumann¹ • Ewerson Tavares da Silva² • Jaqueline Gomides da Costa³ • José Pedro Machado Ribeiro⁴ • Luara Laressa Ferreira dos Santos Lima⁵

Resumo: Este texto descreve uma experiência vivida no Tema Contextual "Cultura e Comércio" do curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás, realizada em julho de 2024. O objetivo é apresentar e descrever uma atividade desenvolvida nesse Tema Contextual que é direcionado aos professores indígenas em formação, no qual os alunos criaram uma moeda própria, com base em referenciais monetários que valorizam elementos da sua cultura e, em seguida, realizaram atividades utilizando a moeda criada. A fim de contextualizar a vivência, o relato se inicia com uma breve discussão sobre o curso e o Tema Contextual em questão, seguido pela contextualização e descrição do desenvolvimento da atividade. Por fim, são tecidas reflexões sobre essa experiência. Por meio dessa experiência, evidenciou-se a relevância de atividades que, numa perspectiva pluriétnica, proponham debates culturais e comerciais.

Palavras-chave: Educação Intercultural Indígena. Tema Contextual. Cultura e Comércio. Construção de moeda.

Abstract: This text describes an experience in the Contextual Theme "Culture and Commerce" of the Intercultural Education course at the Federal University of Goiás, held in July 2024. The objective is to present and describe an activity developed in this Contextual Theme, where students create their own currency, based on monetary references that value elements of their culture and then carry out activities using their own currency. In order to contextualize the experience, the report begins with a brief discussion about the course and the Contextual Theme in question, followed by the contextualization and description of the development of the activity, finally, reflections on this experience are made. Through this experience, the relevance of activities that, from a multiethnic perspective, propose debates on cultural and commercial changes became evident.

Keywords: Indigenous Intercultural Education. Contextual Theme. Culture and Commerce. Indigenous Currency.

1. Tema contextual “Cultura e Comércio” da UFG

O curso de Educação Intercultural, da UFG, iniciou-se em 2007 e atende aos/às indígenas pertencentes a sete Territórios Etnoeducacionais, localizados nos estados de Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins e parte de Minas Gerais, tendo formado mais de 200 professores e professoras indígenas (UFG, 2020). Esse curso apresenta características distintas em relação aos cursos tradicionalmente frequentados por não indígenas. Diferentemente do modelo

¹ Universidade Federal de Goiás • Goiânia, GO — Brasil • ✉ ana.baumann@ufg.br

² Universidade Federal de Goiás • Goiânia, GO — Brasil • ✉ ewersontavares@hotmail.com

³ Universidade Federal de Goiás • Goiânia, GO — Brasil • ✉ jaquegomidescosta@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Goiás • Goiânia, GO — Brasil • ✉ zepedro@ufg.br

⁵ Universidade Federal de Goiás • Goiânia, GO — Brasil • ✉ lauara_lima@discente.ufg.br

convencional, sua estrutura não se baseia em disciplinas, mas em temas contextuais. Essa abordagem busca evitar a hierarquização dos saberes e das experiências interculturais, promovendo a valorização dos conhecimentos próprios das comunidades indígenas. Dessa forma, segundo o PPC do curso de Educação Intercultural da UFG (2020), um Tema Contextual é

[...] entendido como a não disciplinarização dos saberes. O tema contextual busca, sempre, a articulação dos conhecimentos, sejam de bases intraculturais, interculturais, transculturais, ou de outras formas, como as científicas, dissolvendo, assim, as hierarquias epistêmicas. Nessa concepção, não há nem conhecimentos superiores, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos. O tema contextual reconhece, em sua composição, diferentes lógicas de organização e produção de saberes, realidade que prestigia a troca de conhecimento em um processo crescente de solidariedade intelectual e de justiça social (UFG, 2020, p. 65)

Destarte, os temas contextuais possibilitam a promoção de um espaço decolonial de escolarização e de pensamento. Um dos temas contextuais, de natureza obrigatória aos discentes indígenas ingressantes no curso, é *Cultura e Comércio*. Segundo Silva, Ribeiro e Ferreira (2019 p. 100) “esse tema estabelece um espaço educativo de debate e reflexão a respeito das relações comerciais tradicionais e atuais de cada cultura/povo, tomando como orientação suas transformações ocorridas ao longo da História”.

Segundo os autores, “um dos objetivos do tema contextual aqui discutido, parte da promoção de situações de aprendizagem por meio do manejo e da reflexão sobre instrumentos lúdicos que abordam relações monetárias e comerciais presentes em distintos contextos socioculturais” (Silva, Ribeiro, Ferreira, 2019 p. 102-103). Dessa forma, esse tema contextual evoca debates interculturais e pluriétnicos, de modo a compreender as relações comerciais presentes no cenário atual e no passado. Nessa perspectiva, Ramos e Ribeiro (2018, p. 129) afirmam que:

As aulas proporcionaram discussões e reflexões sobre a importância dos conhecimentos matemáticos na realidade de cada povo e promoveram um diálogo intercultural entre os saberes e fazeres dos povos indígenas, que participaram do curso, e os saberes e fazeres matemáticos de outras sociedades.

Nessa perspectiva, as reflexões acerca dos saberes e fazeres dos diferentes povos, são pautadas nos conhecimentos adquiridos no estudo da Etnomatemática. Esse campo de estudo oferece uma perspectiva valiosa sobre como diferentes culturas desenvolvem e utilizam conceitos matemáticos em suas vidas diárias. Embora o programa etnomatemática supere fronteiras disciplinares, D'Ambrosio (2002, p. 20), aponta que "A etnomatemática é uma forma

de entender como diferentes grupos culturais compreendem, articulam e usam supere fronteiras matemáticos em suas práticas cotidianas." Essa abordagem permite reconhecer e valorizar a diversidade de práticas matemáticas existentes ao redor do mundo, mostrando que a matemática não é uma ciência universal e homogênea, mas sim uma construção cultural rica e variada.

De acordo com D'Ambrosio (2007, p. 22):

O cotidiano está impregnado de saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios a sua cultura.

Por meio da etnomatemática, podemos investigar como os conhecimentos matemáticos são integrados às tradições, costumes e necessidades específicas de cada grupo cultural, proporcionando uma maior apreciação e respeito pelas diferentes formas de conhecimento que existem em nossa sociedade.

2. Contexto da atividade

A turma que participou da atividade era composta por estudantes, ingressantes do curso no ano de 2024. Esses estudantes são indígenas das etnias Krahô, Canela, Kalapalo, Waura, Ikpeng, Kamayura, Xavante, Caiapó, Karajá, Kaiabi, Xerente, Javaé, Guajajara, Bororo e Krikati, evidenciando um espaço pluricultural. O referido tema contextual teve duração de 08 a 11/07/2024, no Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás, nos turnos matutino e vespertino.

Para o desenvolvimento da atividade, contou-se com dois professores para ministrar o Tema contextual e com dois monitores a fim de auxiliar no desenvolvimento das atividades propostas. No início do tema contextual, os professores apresentaram a ementa, o programa relativo ao tema, objetivos, metodologia, avaliação e bibliografia que orientaria os debates ali tecidos.

A primeira atividade a ser desenvolvida referia-se à criação da moeda da turma, a qual seria utilizada, posteriormente, para realização de reflexões e cálculos com a turma, conforme descrição a seguir.

- 08/07/2024 (Segunda-Feira) - Criação da moeda da turma de 2024; estabelecimento de um referencial monetário; criação de um nome para a moeda; relação com o real.

- 11/07/2024 (Quinta-Feira) - Entrega das cédulas da moeda criada pela turma; cálculos com as cédulas da turma.

Conforme apresentado acima, a atividade ocorre em dois momentos distintos: (i) criação da moeda e (ii) realização dos cálculos com as cédulas. Estes momentos promovem a construção coletiva e troca de saberes entre os diversos povos ali presentes.

3. Desenvolvimento da atividade

O tema contextual iniciou com um debate sobre as relações comerciais, mostrando que a evolução do escambo para os modos atuais de trocas comerciais visa atender demandas sociais. Por meio de uma linha do tempo histórica, os professores ilustraram como a moeda evoluiu até o formato atual, apresentando diversas moedas utilizadas ao redor do mundo, associando-as ao valor da moeda brasileira (Real) e fazendo associação ao seu valor referencial.

Os professores mostraram para a turma as moedas anteriormente criadas no curso de Educação Intercultural, desde a primeira turma, em 2007, até o ano de 2023. Essa atividade de confecção de uma moeda se fez presente em todos os anos em que houve esse tema contextual, a fim de suscitar reflexões importantes para os estudantes advindos das diversas etnias, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Moedas das turmas de 2007 a 2023 no Curso de Licenciatura em Educação Intercultural Indígena no Tema Contextual Cultura e Comércio

Moedas Interculturais		
Turma	Moeda	Referencial Monetário
2007	<i>Aracá</i>	Maracá
2008	<i>Ararati</i>	Arara
2009	<i>Arffê</i>	Arco e flecha
2010	<i>Ocjê</i>	Cocar
2011	<i>Meká</i>	Tamekwara e Cocar
2012	<i>Durá</i>	Arara
2013	<i>Ocum</i>	Urucum
2014	<i>Coc</i>	Cocar
2015	<i>Bö</i>	Pintura Corporal
2016	<i>AV</i>	Arara Vermelha
2017	<i>Prédzu</i>	Mandioca
2018	<i>I</i>	Kâ (água)
2019	<i>Poré</i>	Arco e Flecha
2020	<i>Dzeru</i>	Arco e Flecha
2021	<i>Patac</i>	Tucunaré
2022	<i>Ngô</i>	Arco e Flecha
2023	<i>Krawa</i>	Paca

Fonte: Slides apresentados pelos professores (2024)

Assim como o ouro serviu historicamente como referencial monetário devido ao seu alto valor, os referenciais apresentados pelos alunos evidenciam elementos que possuem grande significado e são valorizados dentro de suas culturas. Além da apresentação e discussão sobre as moedas até então construídas, os professores mostraram como realizar a conversão dessas moedas interculturais para a moeda brasileira, o Real. A partir dessas instruções, foi proposto aos estudantes indígenas a criação de uma moeda para a turma de 2024. Para isso, realizamos um momento coletivo, para exposição de ideias, a fim de possibilitar que todos os estudantes pudessem fazer sua contribuição e, posteriormente, por meio de uma votação, os estudantes escolheram seu referencial monetário. Inicialmente, os alunos e professores elencaram inúmeras possibilidades de palavras a fim de definirmos um referencial monetário.

Figura 1 – Turma 2024: chuva de ideias dos estudantes indígenas para escolha do referencial monetário

Buriti	Baquite	Óleo de babaçu	Bacuri	Pintura corporal	Chapéu	Alpaca	Unha de onça	Tiracajá	Manga
Arara Vermelha	Borduna	Coralinha	Jenipapo	Paca	Maracá	Pulseira	Tatu canastra	Pintado (peixe)	Berubu
Arara Azul	Tranças	Pequi	Flauta	Mandioca	Quati	Cinto	Sucuri	farinha	
Cocar	Gargantilha	Urucun	Arco e flecha	Cofo	Abanador	Machadinho sagrada	Tiririca	Sal de aquapé	
Colar	Cabacinha pequena	Brinco	Bacaba	Esteira	Pintura facial	Mel	Beju	Pimenta	
Cupiraçu	Rebu	Batata	Água	Banana	Veado	Onça pintada	Cabeça de formiga (semente)	Óleo de Buriti	
Castanhão de beju	Óleo de pequi	Cerâmica	Chocalho	Colar de caramujo			Macaço prego	Óleo de macanha	

Fonte: produzida pelos autores e estudantes indígenas (2024)

As diversas possibilidades de palavras nos permitem conhecer elementos que os estudantes indígenas consideram importantes e valiosos para as suas culturas. A Figura 1 mostra que esse grupo de estudantes destacou alimentos, animais, objetos, dentre outros itens. A votação ocorreu de maneira a ouvir todos os estudantes presentes na turma. As opções mais votadas foram *Cocar*, *Urucun*, *Água*, *Paca*, *Maracá*, *Pulseira* e *Beju*. Tais escolhas revelaram como esses objetos ou elementos são importantes em suas comunidades, por isso foram citados como referenciais monetários. Após essa primeira seleção, realizamos uma nova votação entre os termos mais citados, a fim de chegarmos a um único referencial monetário. O referencial mais votado pela turma foi o *Urucun*, tornando-se a escolha da turma de 2024.

Pontuamos que essa etapa da escolha permitiu-nos observar muitas relações com o significado de *dinheiro*, nas diferentes línguas indígenas. Incentivamos os estudantes a usarem a criatividade e pedimos que o nome de cada sugestão fosse traduzido, para que

compreendêssemos os motivos de suas escolhas (Quadro 2).

Quadro 2 – Turma 2024: chuva de ideias dos estudantes indígenas para escolha do nome da moeda com suas respectivas traduções

Fonte: produzida pelos autores e estudantes indígenas (2024)

Escolha do Nome da Moeda – Cultura e Comércio – Turma de 2024		
Nome da moeda	Tradução	Origem
<i>Atapana</i>	Dinheiro em Waura	Folha
<i>Ihporé</i>	Dinheiro em Krahô e Canela	Material fino ou folha
<i>Aptxi</i>	Dinheiro em Ikpeng	Folha
<i>Ka'aranuu</i>	Dinheiro em Kaiabi	Folha
<i>Piôk Kapri</i>	Dinheiro em Kaiapó	Papel
<i>Temetarer</i>	Cédula em Guajajara	Folha
<i>Tatá</i>	Moeda em Guajajara	Palavra criada
<i>Cajin</i>	Moeda em Krahô	Cérebro
<i>Itaju'i</i>	Moeda em Kamayura	Pedra
<i>Ktâpnezu</i>	Dinheiro em Xerente	Ouro
<i>Ihporé hy</i>	Moeda em Canela	Pedra
<i>Torirogu</i>	Moeda em Bororo	Pedrinha
<i>Iube-werã</i>	Dinheiro em Iny	Palavra criada
<i>Momytsat</i>	Cédula em Kamayura	Palavra criada
<i>Yuku</i>	Urunku em Waura	Urunku
<i>Ihcucra'</i>	Pintura em Krahô	Pintura
<i>Patac Tyjre</i>	Moeda e dinheiro em Krikati	Algo que não acaba nunca
<i>Ngôj Poj</i>	Moeda em Kaiapó	Ferro amassado

No Quadro 2, destacamos em *itálico* as *palavras criadas*, pois as comunidades indígenas Krahô, Iny e Kamayura criaram palavras específicas para moeda, dinheiro e cédula, respectivamente. Após várias votações, os estudantes indígenas decidiram nomear, conforme já explicitamos, a moeda da turma de 2024 como *Yuku*, que significa *Urukun* (referencial monetário escolhido) em Waura.

Para finalizar a primeira etapa dessa atividade, os estudantes, indígenas e professores discutiram e decidiram, juntos, o valor de conversão da moeda *Yuku* para reais. Os estudantes relataram que uma bola de *Yuku* nas comunidades indígenas custa de quatrocentos a mil reais. Foi feita uma média aritmética entre tais valores e, após alguns apontamentos, ficou acordado que cada *Yuku* valeria sete reais.

Como segundo momento da atividade, foi produzida uma arte para representar a moeda, em seguida foram impressas em papel cédulas e moedas de diferentes valores, que foram distribuídos em quantidades iguais para os estudantes, e utilizadas como material pedagógico. Os professores pediram que os alunos respondessem a uma atividade que possuía

os seguintes questionamentos:

- Qual é o valor do dinheiro que cada um possui?
- Qual o valor total que a turma possui?
- Em reais, quanto cada pessoa possui?
- Em reais, quanto a turma possui?
- Quanto é 50% do valor total da turma?
- Quanto é 25% do valor total da turma?
- Quanto é 15% do valor total da turma?

Com as cédulas em mãos, eles puderam trabalhar com o material concreto, além dos cálculos no papel, criando diferentes estratégias para lidar com o dinheiro que criaram e que tinham recebido em mãos, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Turma 2024: utilização das moedas criadas na atividade do Tema Contextual Cultura e Comércio



Fonte: foto tirada pelos autores (2024)

Após a experimentação com a moeda, foi destinado um tempo para que todas as questões da atividade *trabalhando com a nossa moeda* fossem resolvidas. Após um momento, os monitores conduziram um espaço para correção da atividade. Para a primeira pergunta, pedimos que cada estudante registrasse no quadro o valor que eles tinham. Obtivemos respostas diferentes, mesmo que os valores entregues a eles fossem os mesmos, conforme pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 – Registro dos valores que cada estudante contabilizou ter recebido na atividade *trabalhando com a nossa moeda*

1. Qual é o total de Yuku que cada um possui?

Nome	Total Y\$	Nome	Total	Nome	Total
Tatiana Kikupalo	2333,46	Bekko	2334,96	Sidnei Rê	2.151,96
Carolina Lúcia	2.333,00	Tamara	2270,259	Adão	2149,70
Tony Ximont	2.333,46	Maísa	2333,46	Israel T.T.	
Edilson Ximont	2333,46	Valmira	2333,46		
Willis Waura	2338,40	Zélio	2333,46		
Milena	2321,43	Zaqueu	3034,70		
Problema Waura	2.139,40	Beko	2333,46		
Maria Rache Kikupalo	2.339,46	WACME	2.339,20		
JÚNIOR C	2.929	Marcia	1972,05		
Mayahim	2328,5	JULIANA	2.117,32		

Fonte: autores (2024)

Após o registro desses valores, apresentamos o valor correto que cada aluno tinha recebido (Y\$2333,46) para que continuassem respondendo à atividade. Os monitores apresentaram sugestões de caminhos para que os alunos pudessem responder e corrigir as outras questões propostas.

4 Considerações finais

A experiência de trabalhar com o tema contextual *Cultura e Comércio* demonstrou ser enriquecedora para os estudantes indígenas da turma de 2024. Ao longo dos dias de atividades, os alunos puderam explorar e refletir sobre a evolução das relações comerciais em suas comunidades, desde o passado até o presente, e projetar suas expectativas para o futuro. A criação e utilização da moeda *Yuku* proporcionou uma compreensão prática e concreta dos conceitos matemáticos e econômicos, além de valorizar os elementos culturais de seus povos.

Através de dinâmicas interativas, como a chuva de ideias, a criação de moedas e a resolução de problemas matemáticos, os estudantes desenvolveram habilidades importantes, como o trabalho em equipe, a criatividade e o pensamento crítico. As atividades também promoveram uma rica troca de conhecimentos entre diferentes etnias, fortalecendo o respeito e a valorização das culturas indígenas.

Em suma, o tema contextual *Cultura e Comércio* não apenas ampliou o conhecimento dos estudantes sobre economia e matemática, mas também reforçou a importância da preservação cultural e da identidade indígena. A experiência proporcionou um aprendizado significativo e integrador, evidenciando que o Tema Contextual *Cultura e Comércio* pode promover um importante espaço formativo na formação de professores indígenas e contribuir

na formação intercultural de professores não indígenas, visto a dimensão de saberes e reflexões que esse espaço pode acarretar para os professores não indígenas.

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RAMOS, Gabriela. Camargo.; RIBEIRO, José. Pedro. Machado. O sistema de numeração Javaé: a Etnomatemática na (re)construção da escola indígena. *Educação Matemática em Revista*, v. 23, n. 60, p. 126-138, 23 dez. 2018. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/emr/article/view/1275>. Acesso em: 23 nov. 2024.

SILVA, Matheus Moreira.; RIBEIRO, José Pedro. Machado.; FERREIRA, Rogério. O tema contextual “cultura e comércio” na formação de professores indígenas à luz da Etnomatemática. Dossiê Educação Matemática. *Revista Temporis [ação]*, v. 18, n. 2, p. 99-112, 2019. Disponível em: [//www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/8029](http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/8029). Acesso em: 23 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena. *Projeto Pedagógico do Curso de Educação Intercultural*. Goiânia: UFG, 2020.